



Bethlehem Ministry
OF THE ASSEMBLIES OF GOD

**CONHECIMENTO 19
ESCATOLOGIA II**

O REINO DE DEUS NA HISTÓRIA E SEU TRIUNFO FINAL



*“E, no tempo destes reis, o Deus do
céu levantará um reino que não será
jamais destruído... esmiuçará e consu-
mirá todos estes reinos e será estabe-
lecido para sempre.”*

Daniel 2:44

BOLETIM 681 - ESTUDO 821
10 a 14 DE AGOSTO DE 2026

INTRODUÇÃO

No primeiro estudo desta série, conhecemos os três grandes personagens do plano de Deus — Israel, a Igreja e as nações — e o pano de fundo que dá sentido a tudo: o Reino de Deus. Ficou ali uma promessa em aberto: o dia em que a pedra feriria os pés da estátua e todos os reinos dos homens dariam lugar ao Reino eterno de Cristo. É esse o assunto de agora.

Deus levou Daniel para o exílio na Babilônia. Longe de casa, servo num palácio pagão, e foi justamente ali que Deus lhe abriu o mapa de toda a história do mundo. Que lugar improvável para receber a maior aula de profecia já dada. Deus mostrou a Daniel os grandes impérios que se levantariam, um após o outro, e o Reino que sucederia a todos e nunca teria fim.

E fez isso por dois ângulos. Primeiro pelos olhos de um rei pagão: uma estátua imponente, de metais preciosos, alta e brilhante (Daniel 2). Depois pelos olhos do Seu profeta: quatro feras que sobem de um mar agitado (Daniel 7). Guarde esse contraste desde já, porque ele é a alma do estudo. Aquilo que impressiona o homem, quando Deus olha, não passa de fera. Vamos percorrer esse mapa em três passos. Primeiro, a estátua e o rumo da história. Segundo, as feras e o verdadeiro caráter dos impérios. E, por fim, a pedra: a volta de Cristo e o Reino que não terá fim. E leve uma pergunta no bolso o tempo todo: se Deus “acertou”, um por um, a subida e a queda de cada império que ainda nem existia, será que Ele vai errar a conta quando o assunto é a nossa vida? Desfrute!

A GRANDE ESTÁTUA: DEUS REVELA O RUMO DA HISTÓRIA (DANIEL 2)

O segundo capítulo de Daniel costuma ser chamado de *o ápice da profecia*. É aqui que Deus desenha, diante do rei da Babilônia e diante de nós, o panorama da história mundial, da sua época até o fim dos tempos. E tudo começa com um rei que não conseguia dormir.

O sonho que ninguém conseguia explicar.

Base: Daniel 2:27-28

Daniel 2:27-28

“Respondeu Daniel na presença do rei e disse: O segredo que o rei exige, nem sábios, nem astrólogos, nem magos, nem adivinhos o podem descobrir ao rei; mas há um Deus nos céus, o qual revela os segredos.”

Imagine a cena - O homem mais poderoso da Terra, senhor de um império que se estendia de um mar a outro, acorda no meio da noite suando, o coração disparado. Um sonho o sacudiu por dentro. Ele sente que aquilo significava algo enorme, mas os detalhes escaparam como areia entre os dedos. E não há exército, não há ouro, não há palácio que traga de volta um sonho perdido.



Pela primeira vez, toda a força da Babilônia esbarrou num muro que ela não conseguia derrubar.

Nabucodonosor teve um sonho que o deixou perturbado, mas de manhã não conseguia lembrar o que vira. Então fez uma exigência de tirar o fôlego: chamou os sábios do reino e mandou que primeiro adivinhassem qual tinha sido o sonho, e depois o interpretassem. Ninguém conseguiu — claro que não. E aí está a primeira lição do capítulo, escrita em letras grandes: a sabedoria do mundo tem limite. Ela chega a um ponto e trava.

Daniel não era mais inteligente que os magos da Babilônia. A diferença dele não estava na cabeça; estava no joelho. Ele e os amigos se ajuntaram para orar, e Deus revelou o segredo. Repare no contraste: os sábios do maior império do mundo, com toda a sua ciência, ficaram mudos; e um jovem judeu cativo, de joelhos, recebeu a resposta do céu. É que há segredos que não se alcançam com estudo, só com oração.

Há problemas na nossa vida que nenhum especialista resolve, que nenhuma busca na internet desvende. Para esses, existe um Deus nos céus que revela. Daniel nos ensina onde bater: não na porta dos encantadores do nosso tempo, mas na porta do trono de Deus.

A estátua e os quatro impérios.

Base: Daniel 2:31-35; 2:37-40

Daniel 2:31-33

“Tu, ó rei, estavas vendo, e eis aqui uma grande estátua... A cabeça daquela estátua era de ouro fino; o seu peito e os seus braços, de prata; o seu

ventre e as suas coxas, de cobre; as pernas, de ferro; os seus pés, em parte de ferro e em parte de barro.”

Daniel descreve a figura enorme e reluzente que o rei tinha visto, feita de metais diferentes da cabeça aos pés, e então dá a interpretação: cada parte é um grande império mundial, na exata ordem em que apareceriam na história. A cabeça de ouro é a Babilônia. O peito e os braços de prata, o Império Medo-Persa. O ventre e as coxas de bronze, a Grécia. As pernas de ferro, Roma. E os pés de ferro e barro, a forma final do poder humano no fim dos tempos. Deus escreveu a história antes de ela acontecer.

E há um detalhe que muda o jeito de a gente enxergar o mundo. Os metais vão piorando de cima para baixo. Ouro, prata, bronze, ferro — e por fim ferro com barro. Do mais nobre ao mais grosseiro. O homem acha que a história é uma escada que só sobe, que amanhã será sempre melhor que hoje. Deus mostra o contrário: sem Ele, o mundo não evolui, degenera. A estátua não cresce para cima; ela apodrece para baixo.

[illegible]

Cada império e o sistema do mundo que ele deixou.

Antes de chegarmos à pedra, vale olhar de perto cada império. Nenhum deles passou sem deixar rastro. Cada um acrescentou um tijolo àquilo que a Bíblia chama de “este mundo” — o sistema humano montado à parte de Deus, que nasce na Babilônia lá em Gênesis 11 e só termina quando a pedra o desfaz. Veja o que cada um deixou de herança.

Babilônia — a cabeça de ouro. Foi o mais brilhante dos impérios, e por isso a cabeça de ouro, o metal mais precioso. Mas a herança mais duradoura da Babilônia não foi o ouro; foi um jeito de organizar o mundo. Ali nasceu o molde: poder, lei e religião reunidos em torno de um trono, com o homem no centro e Deus de fora.

Não é por acaso que, lá no fim da Bíblia, o sistema mundial que se levanta contra Deus ainda se chama “Babilônia, a grande” (Apocalipse 17 e 18). A cidade caiu, mas o espírito dela atravessou os séculos. Toda vez que o homem constrói uma torre para fazer um nome para si e dispensar a Deus, a velha Babilônia está de pé outra vez.

E não pense que isso é assunto só de museu. A Babilônia foi a civilização que ergueu leis, escrita, calendário, astronomia — muito do que chamamos de progresso começou ali. O problema nunca foi o progresso; foi o coração por trás dele. Um povo que aprendeu a medir as estrelas, mas não se curvou diante de Quem as criou. Uma cidade cheia de saber e vazia de Deus. Essa é a assinatura da Babilônia, e ela reaparece em cada geração — inclusive na nossa,

que sabe tanto e adora tão pouco.

Medos e Persas — o peito e os braços de prata. Depois da Babilônia veio um império ainda maior em extensão, que unia dois povos, os medos e os persas, num só corpo. A contribuição deles ao sistema do mundo foi a organização: a máquina de governar. Os persas dividiram um território imenso em províncias, cada uma com o seu governador, e criaram um sistema de leis tão rígido que nem o próprio rei podia voltar atrás depois de assinar.

Lembra da história de Daniel na cova dos leões? Ele foi lançado ali porque o rei, mesmo querendo salvá-lo, não pôde revogar o próprio decreto (Daniel 6). Essa é a marca da Pérsia: a lei do homem virando uma jaula da qual nem quem a fez consegue sair. E foi esse mesmo império que Deus usou para mandar Israel de volta à sua terra — o rei Ciro, que a Escritura chama de “ungido” do Senhor, décadas antes de ele nascer (Isaías 44 e 45).

Grécia — o ventre e as coxas de bronze. O terceiro império não venceu o mundo sobretudo pela espada, mas pela cabeça. A herança da Grécia foi a cultura: a filosofia, as artes, o modo de pensar e, acima de tudo, a língua. O grego virou o idioma comum do mun-



do inteiro, falado do Egito à Índia. E aqui está algo lindo da providência de Deus: foi nessa língua, espalhada por um conquistador pagão, que mais tarde o Novo Testamento seria escrito e correria o mundo.

Deus usa até o que o homem faz por orgulho para preparar o caminho do Evangelho. Mas a Grécia também deixou o outro lado da moeda: o orgulho da razão humana que acha que dá conta de tudo sozinha, sem revelação.

É essa mentalidade que Paulo enfrentaria de frente, mais tarde, no meio dos filósofos de Atenas (Atos 17).

Roma — as pernas de ferro. O quarto império é o ferro, e o ferro tem uma característica: ele esmaga. Roma pisou e triturou toda nação que não se curvasse. A herança dela ao sistema do mundo foi a estrutura: o direito, as estradas, as legiões, a máquina de dominação que amarrou o mundo pela força e pela lei.

E foi exatamente sob essa estrutura de ferro — a paz imposta por Roma, as estradas de Roma, e no fim uma cruz romana — que o Messias veio ao mundo e a Igreja se espalhou. Mais uma vez, Deus usou o império do homem para os Seus propósitos, sem que o império sequer soubesse.

Os pés de ferro e barro: o império do fim.

Base: Daniel 2:41-43

Daniel 2:41-42

“E, quanto ao que viste dos pés e dos dedos, em parte de barro de oleiro e em parte de ferro, isso será um reino dividido... assim, por uma parte, o reino será forte e, por outra, será frágil.”

Chegamos aos pés da estátua, e aqui está o retrato do último estágio do poder humano sobre a terra. Os dez dedos são de ferro misturado com barro. Repare na mistura: o ferro é força, o barro é fragilidade, e os dois não se ligam de verdade — “assim como o ferro não se mistura com o barro” (Dn 2:43). É a imagem de um mundo que tenta se unir mas não consegue: acordos que não colam, alianças que se desfazem, uma unidade de fachada que por dentro está rachada. Poderoso por fora, quebradiço por dentro. É esse o poder humano na sua última forma, pouco antes do fim.

Pense em quantas vezes o mundo tentou se unir — impérios, tratados, blocos, acordos de paz. Ferro e barro. Por fora, força; por dentro, rachaduras. Só há uma unidade verdadeira, e ela não é construída por homens: é a que Cristo trará no Seu Reino.

A pedra que vira monte: o Reino que não terá fim

Base: Daniel 2:34-35; 2:44-45

Daniel 2:44

“Mas, no tempo destes reis, o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído; e este reino

não passará a outro povo; esmieuçará e consumirá todos estes reinos e será estabelecido para sempre.”

E então, no ponto mais alto da visão, entra em cena uma pedra. Ela é cortada de um monte sem auxílio de mãos — quer dizer, sem obra humana — atinge a estátua nos pés e a esmigalha toda. O ouro, a prata, o bronze, o ferro, tudo vira pó, e o vento leva, como leva a palha na eira. E aí a pedra começa a crescer, crescer, até virar um grande monte que enche a terra inteira. Daniel não deixa margem a dúvida: essa pedra é o Reino de Deus. E o Reino tem um Rei. A pedra é Cristo.

Olhe onde a pedra bate. Não na cabeça de ouro, não no peito de prata, não no meio da estátua.

Ela desce sobre os pés, no último estágio do poder humano. Isso nos diz uma coisa importante: o Reino de Deus não vem aos poucos, no meio da história, construído pela mão do homem. Ele vem de uma vez, no fim, pela volta de Cristo. Nós não estamos edificando o Reino com as nossas forças; nós estamos anunciando o Rei que vai estabelecê-lo. E note ainda: a pedra não fica sendo pedra. Ela vira monte e enche a terra. O que Jesus começou aparentemente pequeno — nascido numa manjedoura, rejeitado, morto numa cruz — vai encher o mundo inteiro. O cargo que Adão perdeu no Éden, o último Adão recupera de vez.

Todos os reinos humanos têm data de validade. A cabeça de ouro virou história. O ferro de Roma enferrujou e caiu. Todo império que um dia se achou eterno virou pó de museu. Só o Reino de Deus não acaba. A per-

gunta é simples: em qual desses reinos você está construindo a sua vida?

AS QUATRO FERAS: OS MESMOS REINOS, OUTRO ÂNGULO (DANIEL 7)

Muitos anos depois do sonho do rei, já velho, Daniel tem ele mesmo uma visão. E Deus lhe mostra os mesmos quatro impérios — mas de um jeito bem diferente. O que para Nabucodonosor era uma estátua de ouro e prata, reluzente e majestosa, para Daniel são quatro feras que sobem de um mar revolto. É a mesma história contada por dois olhares. E a troca de figura é a mensagem: o poder humano se enfeita de glória por fora, mas, quando Deus olha por dentro, vê o que ele realmente é — uma fera que rasga e devora.

Leão, urso, leopardo e a quarta fera.

Base: Daniel 7:1-8; 7:15-17

Daniel 7:3-4

“E quatro animais grandes, diferentes uns dos outros, subiam do mar. O primeiro era como leão e tinha asas de águia...”

E cada fera foi escolhida a dedo. Não são bichos ao acaso: cada animal aponta para uma marca real do



império que representa. Vamos olhar um por um, porque aqui a história e a Bíblia se abraçam de um jeito que emociona.

O leão com asas de águia — a Babilônia. Não existe figura melhor para a Babilônia do que o leão. E não é invenção: o leão era, de fato, o símbolo da cidade. A famosa Porta de Ishtar, a entrada monumental da Babilônia por onde Daniel deve ter passado, e a grande avenida que levava a ela eram revestidas de tijolos azuis brilhantes com cerca de cento e vinte leões esculpidos, um atrás do outro. O leão era o animal da principal deusa da cidade. E o leão alado — corpo de leão, asas de águia — era imagem comum na arte babilônica: o rei dos animais somado à rainha dos céus, o retrato do auge do poder e da glória do império.

Por isso Daniel vê a Babilônia como um leão com asas de águia. Mas veja o toque final: as asas lhe são arrancadas, e o animal é levantado do chão e posto de pé como um homem, recebendo um coração de homem. É a própria história de Nabucodonosor, que se encheu de orgulho e foi humilhado por Deus, até reconhecer, de joelhos, que “o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens” (Daniel 4). O leão que se achava dono do mundo teve o coração trocado — de fera para humilde.

O urso levantado de um lado — o Império Medo-Persa. A segunda fera é um urso, pesado e faminto. Ele se levanta “de um lado”, e essa é uma pincelada exata: eram dois povos unidos, os medos e os persas, e o lado persa se ergueu mais alto e passou a mandar. E o urso traz três costelas na boca — as três grandes conquistas que fizeram dele o maior império que o mundo tinha visto até então.

A história nos diz quais foram: a Lídia, na atual Turquia, tomada por volta de 546 a.C.; a própria Babilônia, tomada em 539 a.C.; e o Egito, conquistado por volta de 525 a.C. Três reinos engolidos, três costelas entre os dentes. E a ordem que a fera recebe — “levanta-te, devora muita carne” — descreve com precisão a fome de conquista desse império, que se espalhou, como diz a Escritura, da Índia até a Etiópia (Ester 1:1).

O leopardo de quatro asas — a Grécia de Alexandre. Se o urso era pesado, a terceira fera é o oposto: pura velocidade.

Um leopardo já é o mais veloz dos grandes felinos; este ainda tem quatro asas nas costas. Duas asas já seriam rapidez; quatro é rapidez que não se explica. E foi exatamente isso a Grécia de Alexandre, o Grande.

Em pouco mais de dez anos, partindo de um reino pequeno no norte da Grécia com um exército modesto, esse rapaz derrotou o gigantesco Império Persa e levou o seu domínio da Europa até o rio Indo, na fronteira da Índia.

Eram dezenas de milhares de quilômetros de campanha, sem perder uma única batalha. Aos trinta e poucos anos, dizem, chorou porque já não havia mais mundo conhecido para conquistar. Nenhum império avançou tão longe tão depressa. O leopardo alado é o retrato perfeito. E as quatro cabeças da fera? Apontam para o que veio depois: Alexandre morreu jovem, de repente, sem deixar um herdeiro à altura, e o império foi partido entre quatro dos seus generais — exatamente, séculos antes, como Daniel tinha visto. A história obedeceu ao livro.

Pare e pense no tamanho disso. Séculos antes de Alexandre nascer, antes de a Grécia ser potência, Deus já tinha desenhado a sua ascensão, a sua velocidade e até a divisão do seu império em quatro. Se Deus conhece assim o futuro dos impérios, quanto mais conhece e cuida do amanhã de cada filho Seu.

A quarta fera — terrível e sem nome. A última é indescritível. Daniel não a compara a nenhum animal, porque nenhum serve.

Ela tem dentes de ferro, devora, esmaga e pisa aos pés o que sobra.

É o mesmo ferro das pernas da estátua: o poder que tritura tudo o que não se sujeita a ele. O profeta só consegue dizer que era “espantosa, terrível e sobremodo forte” (Dn 7:7). É diante dessa fera que a cena vai, de repente, mudar por completo.

Guarde o contraste que atravessa os dois capítulos. Para o rei da Babilônia, o poder dos homens parecia ouro e prata. Para Deus, que vê o coração, os mesmos impérios

são feras que rasgam. É assim que a Palavra nos ensina a olhar os grandes poderes deste mundo: por fora, esplendor; por dentro, a fome de quem governa sem Deus.

O trono, o Ancião de Dias e o Filho do Homem.

Base: Daniel 7:9-14

Daniel 7:13-14

“Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um como o Filho do Homem... e foi-lhe dado o domínio, e a honra, e o reino... o seu domínio é um domínio eterno, que não passará.”

Enquanto a quarta fera ainda ruga e se gaba, a câmera da visão de repente sobe. Sai do mar revolto das feras e aponta para o céu. Lá, tronos são postos, e o Ancião de Dias — Deus mesmo — se assenta para julgar, cercado de milhares e milhares que O servem. O tribunal do céu se abre.

No meio dessa cena de glória, aparece “um como o Filho do Homem”, vindo nas nuvens, e recebe do Ancião de Dias um domínio que jamais passará, sobre todos os povos e nações. Esse é Jesus.

Enquanto o poder humano gastava as suas últimas palavras de orgulho, o Reino já estava sendo entregue, no céu, nas mãos do Filho. E aqui os dois capítulos se abraçam. A pedra de Daniel 2 e o Filho do Homem de Daniel 7 são a mesma pessoa: Cristo. A pedra que esmigalha a estátua é o Rei que recebe o Reino eterno. Nenhum império humano durou; o domínio d’Ele não vai passar nunca.

A PEDRA DESCE: A VITÓRIA FINAL DE CRISTO

Vimos os impérios na estátua e as feras na visão. Vimos o Filho do Homem recebendo o Reino. Chegamos ao ponto para onde tudo aponta — não a vitória de mais um império humano, mas o triunfo definitivo do Reino de Deus, com a volta de Cristo em glória.

E, antes de tudo se consumar, há um povo que Deus não esqueceu.

O povo que Deus não esqueceu.

Base: Zacarias 12:10; 13:9; Romanos 11:26

Zacarias 12:10

“E derramarei sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém o Espírito de graça e de súplicas; e olharão para mim, a quem traspasaram; e prantearão sobre ele como quem pranteia por um filho unigênito.”

Antes de a pedra descer, Deus acerta as contas de amor com o Seu povo Israel. No primeiro estudo, vimos que a nação, na sua maioria, não reconheceu o seu Rei quando Ele veio. Mas Deus não desistiu. A Escritura promete um dia em que Ele derramará sobre o Seu povo o Espírito de graça e de súplicas, e eles olharão para Jesus — Aquele que foi traspassado — e o reconhecerão como Messias, com um pranto profundo, como quem chora por um filho único. Não precisamos entrar hoje em todos os detalhes de como e quando; basta guardar o essencial: Deus não abandonou Israel, e um dia esse povo olhará para Cristo e chorará de arrependimento.

E note uma palavra preciosa: remanescente. A Escritura fala de um resto do povo que será provado como se prova o ouro no fogo, até dizer: “O Senhor é o meu Deus” (Zc 13:9).

Foi sempre assim na história. Nos dias de Elias, quando parecia que todos tinham se dobrado a Baal, Deus tinha guardado sete mil que não dobraram o joelho. Nos dias mais escuros, sempre houve um resto fiel. Deus nunca ficou sem testemunha na terra — e não ficará sem Israel.

É esse remanescente que, no fim, reconhecerá o seu Rei. O que a nação recusou um dia, o remanescente há de aceitar.

Essa é uma palavra de esperança também para nós. Nas horas em que parece que a fé sumiu do mundo, que ninguém mais crê, lembre-se: Deus sempre tem o Seu remanescente.



Você pode ser parte desse resto fiel na sua família, no seu trabalho, na sua rua. Deus nunca fica sem testemunha.

A volta do Rei e o fim do poder humano.

Base: Zacarias 14:4,9; Mateus 25:31-32; Daniel 7:11

Mateus 25:31-32

“E, quando o Filho do Homem vier na sua glória, e todos os santos anjos com ele, então, se assentará no trono da sua glória; e todas as nações serão reunidas diante dele...”

No fim, as nações se ajuntarão contra Jerusalém, mas o Senhor sairá a pelejar por Israel. Aquele mesmo Jesus que foi morto há quase dois mil anos descerá em glória; os Seus pés se firmarão sobre o monte das Oliveiras, exatamente de onde subiu, e naquele dia “um só será o Senhor, e um só será o seu nome” (Zc 14:9). E o poder humano que se levantou contra Deus terá o seu fim.

A fera que rugia é morta; o orgulho que falava grandiosidades se cala de vez (Dn 7:11). É o cumprimento da pedra sobre os pés da estátua: todos os reinos dos homens reduzidos a pó, sem deixar rastro. E no lugar deles se levanta um Reino inteiramente diferente. Nenhuma mão humana o construiu, nenhum exército o sustenta. É um Reino divino, eterno, que não se quebra.

O Reino que não terá fim.

Base: Apocalipse 20:1-6; Isaías 11:6-9; 65:21-25; Filipenses 2:9-11

Isaías 11:9

“Não se fará mal nem dano algum em

todo o meu santo monte, porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar.”

E como será esse Reino? A Bíblia o pinta com cores que dão saudade de um lugar onde nunca estivemos. Um tempo de paz de verdade, sem guerras, quando as espadas viram arados (Is 2:4). Um tempo de justiça, porque o Rei julgará com retidão. Um tempo de fartura e de vida longa, cada um sob a sua videira, comendo do seu próprio fruto (Is 65:21-22). E até a natureza restaurada, o lobo morando com o cordeiro, a criança brincando onde antes havia perigo, os animais perdendo a ferocidade (Is 11:6-9). Será o tempo mais abençoado que este mundo verá desde o jardim do Éden — o cargo de administrador que Adão perdeu, enfim recuperado por Cristo, o último Adão. Não estamos vivendo esse Reino agora; estamos esperando por ele.

E essa espera não é de braços cruzados. Enquanto o Rei não volta, Ele nos deixou trabalho para fazer: anunciar o Seu nome, cuidar da Sua obra, viver como gente que sabe para onde a história caminha. Quem espera de verdade o Reino não vive como quem pertence a este mundo que vai passar, mas como quem já tem o coração firmado no Reino que não passa. A nossa esperança tem endereço, tem data no calendário de Deus, e tem um Rei com nome: Jesus.

Filipenses 2:10-11

“para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda

língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor; para glória de Deus Pai.”

E para onde aponta essa história toda? Para uma só pessoa: Jesus. Todo o plano imenso — os impérios, Israel, as nações, os séculos — corre em direção à exaltação do Filho. A história não é uma roda que gira sem ir a lugar nenhum; é uma estrada, e ela leva ao trono de Cristo. Os reinos vão passar, como já passaram tantos, mas o Reino do nosso Senhor não terá fim. E naquele dia, toda a criação vai se dobrar diante d’Ele.

CONCLUSÃO

No exílio da Babilônia, longe de casa, Daniel recebeu o mapa de toda a história humana. E o mapa é simples de ler: os impérios do homem têm prazo; o Reino de Deus não tem. A Babilônia brilhou como ouro e caiu. A Pérsia devorou como urso e passou. A Grécia voou como leopardo e se partiu. Roma pisou tudo como ferro e desapareceu. Cada um deixou a sua marca no sistema do mundo, e nenhum ficou de pé. Todos viraram pó de museu. Mas a pedra que Deus corta sem mãos humanas não vira pó — vira monte, e enche a terra inteira.

Essa é a nossa esperança. O mundo pode parecer um caos, o poder pode parecer estar nas mãos erradas, mas a história tem dono, e ela caminha para um fim já escrito: o trono de Cristo. Se Deus acertou, um por um, cada império que ainda nem existia, podemos descansar de que Ele não vai errar a conta da nossa vida.

O mesmo Deus que foi fiel a Israel por milhares de anos é fiel a nós hoje.

Apocalipse 11:15

“Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre.”

Enquanto esse dia não chega, o nosso lugar está definido: nós somos embaixadores do Rei. Anunciamos que Ele veio, morreu, ressuscitou e vai voltar. No próximo e último estudo desta série, veremos o outro lado dessa moeda: a fidelidade no serviço cristão e as recompensas diante do tribunal de Cristo. Porque servirá para sempre ao Reino eterno quem serviu com fidelidade ao Senhor aqui nesta terra. Maranata — ora, vem, Senhor Jesus.

Pr. João Leno
Lisboa, Portugal

BIBLIOGRAFIA

Sociedade Bíblica do Brasil. Bíblia Sagrada — Almeida Revista e Corrigida (ARC). Barueri: SBB, 2009.

Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Declaração de Fé das Assembleias de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

SILVA, Severino Pedro da. Daniel, Versículo por Versículo. 15ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

WOODS, Andrew M. O Reino Vindouro: O que é o reino e por que ele ainda não está presente? Porto Alegre: Chamada, 2020.

GILBERTO, Antonio. O Calendário da Profecia. Rio de Janeiro: CPAD. 1985.

POMMERING, Claiton Ivan. O Plano de Deus para Israel em meio à Infidelidade da Nação. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

BALDWIN, Joyce G. Daniel — Introdução e Comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 1983.

BETHLEHEM MINISTRY OF THE ASSEMBLIES OF GOD. Currículo Doutrinário — Estudo 664 / Boletim 524: “O Futuro Glorioso de Israel II”. Lighthouse Point, FL: ADBelém, julho de 2023.



PROPÓSITO DO MÊS CUIDAR



PAÍS DO MÊS - SUIÇA & ÁUSTRIA



CONGREGAÇÕES DO MÊS

CAROLINAS REGION
CHARLOTTE PORTUGUÊS
CHARLESTON
COLUMBIA
MYRTLE BEACH
GREENVILLE

PAN FLORIDA REGION
MARIETTA (ATLANTA)
DESTIN
PANAMÁ CITY
BILOXI

DECLARAÇÃO DE PROPÓSITOS:

- ADORAR
- EVANGELIZAR
- DISCIPULAR
- CUIDAR

A RESPONSABILIDADE É MINHA!

Bethlehem Ministry of the Assemblies of God

United States

- . California
- . Florida
- . Georgia
- . Hawaii
- . Illinois
- . Maryland
- . Massachusetts
- . Mississippi
- . Nebraska
- . North Carolina
- . Ohio
- . Pennsylvania
- . South Carolina
- . Texas
- . Utah
- . Virginia
- Washington, DC
- . Washington State

Europe

- . Austria
- . Bangladesh
- . Belgium
- . Czech Republic
- . Denmark
- . France
- . Germany
- . Ireland
- . Italy
- . Luxembourg
- . Holland
- . Portugal
- . Spain
- . Sweden
- . Swiss
- . United Kingdom

Asia

- . Bangladesh

Oceania

- . Australia
- . New Zealand

Caribe

- . Haiti

Africa

- . Mozambique

